



A BALA

ORGÃO LITTERARIO E NOTICIOSO.

REDATOR — THAUMATURGO VAZ.

Publica-se 2 vezes por mês. — |

Assigna-se a 400 rs. mensaes.

A BALA.

Theresina, 1.^o de Julho de 1883.

Nos, o edifício sublime da moral e do direito; nós, acolumna gigantesca da razão e da liberdade, aqui, ainda uma vez, nos achamos intrépidos,— dispostos a demolir estas barreiras que se interpõem ao nosso caminho, para de nôs vê chegarmos ao zenith de nossa glória.

Ousados na senda do futuro,—não vacillaremos ante o nosso tentamen com o fim de conquistarmos neste afanoso certame o louro viridente de nossos sonhos.

O mundo, no seu incessante marchar, certamente nos recompensará, não obstante sabermos, por termos lido algures, que « o mundo é comédia para quem vê e tragédia para quem sente. »

— Esperemos, como somos, não nos affastaremos um passo sequer do nosso programma, para, assim, ter-

mos jus à entrada no sumptuoso Templo das sciencias.

Mas, para isso conseguirmos, é necessário ousadia, é necessário firmeza e perseverança, sem o que será provável a nossa queda no pêlago profundo do esquecimento.

Companheiros do progresso, ajudai a « Bala » que só deseja progredir; vinde, com vosso entusiasmo, levar-a aos parthenons da civilisação hodierna !

LITTERATURA.

Fragmentos.

(A Nascimento Fial)

Já lá vão nozes. Era por uma dessas tardes de abril, quando a brisa, susurrando por entre a folhagem verdejante das mangueiras, produz um murmúrio suave; quando os passarinhos, pulando aqui e alli, alegrão a natureza com os seus concertos divinões !

Caminhando silenciosamente achar-me, como por encanto, na alameda

dum parque que dava vista para o mar.

As buliosas ondas vinhão bater na candida praia, fazendo uma melodia indefinivel com o canto que vinha d'um barqueiro!

No alcantilado d'uma rocha coberta de musgo, achava-se reclinado um mancebo que scismava.

Levado pela curiosidade dirijo-me a elle saudando-o; e, em vez d'uma lucida resposta, tristemente exclamou caindo as lagrimas dos olhos illuminados por uma luz suavissima, como as gottas do rocio matutino do calix d'uma rosa:

Talvez...

Suas palavras erão ungidas d'uma turma misturada de arrebatamento que fazia delirar; sua voz tinha um que de mysterios; ora, assimilhava-se a uma canora frauta que desprende suas dulcurosas notas no meio do silencio da noite; ora, com o clarim no mais tremendo dos combates!

Com a fronte voltada para o Atlântico, com os cabellos em desordem sublime, com um não sei que de encantamento, dizia:

Perdão, Maria; perdoa para o desgracado que vêm proferir o adeus da despedida; perdoa para teu Lauro que padece!

Homens invejosos que, assim, desligarão sem misericordia duas almas loucas de amor, duas almas nascidas ao sopro da brisa da desgraça!

E é de joelhos, com as fibras do sentir despedaçadas, que te confesso o meu amor; e, nem, o furacão da inveja o atterrará, nem, as tormentas da vida o farão vacilar!

Sei que me amas; que a tua alma candida pertence-me como os teus sonhos são meus.

E o que mais quero?

Ah! que um véo de descrença envolve-me as toldadas ideias!

Deixar de ver-te! Sentença profunda que me martyrisa cruelmente! Não; compra-se; que lancem mil maldições contra mim, que as desprezarei.

Cumpre-se. Viverei longo do mundo e dos homens, já que a sociedade é uma louca que se ri; já que o mundo é um patíbulo que si ergue!

Locos! que pensão que separando-nos prohibem o nosso amor; parvos! que julgão que o amor não resiste aos embates da vingança!

Perdão, Maria; perdoa ao amante que soffre, perdoa ao infeliz que se despede, perdoa as palavras ardentes d'um desgracado que si curvou ante o poder da traição!

Adens; si nossos olhos achão-se desviados, as nossas almas se vêem juntas por um élo mysterioso e magnético!

— Deixai passar um desventurado que consentio que sorvessem, com a fúria da fera, os momentos de felicidade que poderia gosar.

Deixai passar o infeliz...

Assim faleceu o mancebo, e os seus olhos fugia nma luz que arrebatava e attrahia o infinito.

Levantou-se, e, julgando que Maria ouvia os seus queixumes, sorriu tristemente, e, no seu sorriso, havia um atomo de contentamento. Immediatamente uma sombra lugubre anuiu-lhe o semblante!

Quiz caminhar mas as forças faltão-lhe; quiz chorar mas as lagrimas seccarão-se, e só achou lenitivo na solidão d'um claustro, como depois disserão-me !

Maria ainda existe. Encerrada em um convento uma tristeza mortal, a acompanha.

Dias virão em que aqueles espíritos abatidos pelo vendaval do infortunio serão venturosos.

Talvez: se o mundo não cessar de caminhar; talvez !

Jayme.

Um lyrio.

(A' ti....)

Um lyrio eu venho depôr
Do teu regaço na flor
—Cheio de doce ambrosia,
Pelas auras embalado
Pela aurora rociado
Do grato mez de Maria !

E' lyrio. E' a flor singella
Que nasceu meiga, mui bella,
No vergél, no meio d'abrothos;
E' uma debil florsinha
Viçosa, fresca, que tinha
Crescido ao sól de teus olhos !

Nada me digas. E' tua,
Vê como é bella ! Está nua
De vaidade a tenra flor,
Vê como é lindo esse lyrio,
Como ao cheiral-o em delyrio
Minha alma fica de amor.

O lyrio é teu. No regaço
Na dobra azul de teu laço
—Eu deixei-o respirar...
Agora, Armia, um só beijo
Na flor mimosa—eu desejo
Que deponhas sem córar !

Que sinta o lyrio os resabios
Tão suaves de teus labios
No crysol de luz amena;
E logo suas folhas lindas
Se desmacharem infindas
N'alguma espuma serena !

Ao vento—não; eu não quero
Que o lyrio seja Ashavéro
A' voar pela amplidão;
Na branca espuma dos lagos
Que morra em sublimes vagos
Por tão divina paixão !

Depois qu'em ternos harpejos
Soltados por entre—beijos
Os sabiás da floresta
—Houverem cantado hymnos
Com fortes plangentes trinos
Com ar de tristonha festa:

Então á tona dos lagos
No meio de mil affagos
Virão um lyrio subir,
Dizendo as nuvens: cantemos,
Dizendo as brisas: amemos,
E um pobre louco á sorrir !

Var.

Dores.

Marilia. Confessa as dores
Que sentes no coração,
O que tens nos teus olhares
Os teus sorrisos que são;
Confessa que eu reconheço
O teu amor, tua paixão !

Vêr-te tristonha, sentada
Com um livro aberto pensando,
Vêr-te sozinha a janella
Mimosa, linda, scismando,...
Depois com um langue sorriso
Em teus labios s'esfolhando.

E eu não poder terminar
Com os teus penares, creaça,
E não poder consolar-te
Com um beijo na basta trança,
—Sem ser riscado do livro
Que me faz ter esperança...

São dores lentas, terríveis
São martyrios mui crueis
São cadeias inquebraveis
Que me prendem á teus pés,
São dores estas tremendas
Que fazem crer nos bordeis !

Pepita.

Alice.

(A' José Rocha)

Seu vestido é curtinho. O langue olhar
Tem um q' de attracção q'me fascina;
Tem requebros gentis, forma divina:
E' um anjo na terra a se adorar !

Sorrio. Em sua fronte, mar de rosa,
Se dilatava n'amplidão lucente,
O cabello castanho, resplendente,
Tão brando como a brisa perfumosa !...

.....

E' Alice—a franzina. Quando vejo-a
Minh'ardente paixão s'exalta. Beijo-a.
E minh'alma vagueia ao longe, alem...

E' q' a linda mulher, scentelha rapida
Se passa por mim me olha impavida
E eu lhe digo baixinho: Alice, vem...

Orual.

19--6--83.

NOTÍCIAS.

Baile.—No dia 23 do mez passado, em casa do sr. tenente coronel José Avellino, houve um esplendido. A funcçao prolongou-se até as 3 horas da manhã, saindo os convidados satisfeitos pelo tratamento recebido.

Partida. — Hontem partio com destino ao Pará o nosso collega e amigo José Furtado Belleza.

Que faça feliz viagem é o que desejamos.

Jornaes. — Recebemos os seguintes:

Jornal de Sergipe,— *Mocidade Piauhyense*,— e *Flor*.

Agradecemos a offerta e enviamos-lhes a «Bala».

Ther.—Typ. da EPOCA—1883.